

FILOSOFIA E MOVIMENTOS POPULARES *

CDU 101

Paulo Meneses * *

Que tem a filosofia a dizer sobre os movimentos sociais? Muita gente acha que "A Filosofia se ocupa de coisas abstratas, é contemplativa, quer dizer voltada para o firmamento das idéias". Filosofia e alienação filosófica, para o marxismo, são uma coisa só.

No entanto, a verdade é que a filosofia se ocupa com o **ser**. E nada mais concreto do que o **ser**, que é a realidade verdadeira. E desde Hegel, a filosofia trouxe o ser social e histórico para o centro mesmo de suas preocupações. Uma '**ontologia do ser social**' como queria Lúkacs, é possível; é mesmo, necessária; e talvez seja a tarefa mais urgente e mais importante da filosofia em nossos dias.

I - O POVO É UM "LOCUS PHILOSOPHICUS"?

Porém a formulação de nosso tema não apenas aponta para o social, mas para o "**popular**". Uma filosofia elitista, aristocrática, voltava seus olhos para a contemplação da parte mais alta da sociedade, - os nobres, os senhores, os privilegiados pelo nascimento, fortuna e educação. O povo, (multidão, ou plebe) não era tido como portador da razão, da chama da inteligência e dos valores, porquanto, entregue às paixões e aos instintos, o que era especificamente humano sofria nele um eclipse de animalidade. Quem descortinava a luz de verdade, quem criava valores, eram os líderes que conduziam o rebanho - muitas vezes indócil e rebelde - a patamares mais altos de evolução humana. Essa visão elitista atravessa toda a antiguidade e o médio-evo; tem seu paroxismo no super-homem de Nietzsche;

*) Conferência pronunciada na IX Semana de Filosofia da Unicap, realizada de 18-21/10/88.

**) Paulo Meneses é professor do Deptº de Filosofia e Chefe do Deptº de Sociologia da Unicap. É fundador e Diretor do Instituto de Filosofia Social do Recife.

— repercute no pensamento dos fascismos e parafascismos contemporâneos; e se prolonga nas doutrinas das Escolas Superiores de Guerra (Golbery, Pinochet e Pentágono), e no pensamento conservador contemporâneo (que entre nós se diz liberal).

Frente a essa correnteza predominante, que se poderia opôr?

a) Apenas algumas posições que nadam contra a corrente. A começar pelo **Evangelho**: Cristo agradecia a Deus-Pai por ter revelado aos simples as verdades que ficariam ocultas aos poderosos. São Paulo reconhecia que os seguidores da verdade do Evangelho eram as pessoas sem prestígio nem poder na sociedade. Orígenes tem uma polêmica famosa "Contra Celso" que discute esse escândalo para os pagãos refinados dos 1^{os} séculos: como o Cristianismo podia ter a pretensão de ser a religião verdadeira, se era a religião professada pelas classes baixas do Império. Realmente, Nietzsche tem razão ao chamar o Cristianismo de religião dos escravos; e, ao desprezá-lo por não ser a atitude dos senhores e super-homens, nisto era um digno precursor dos nazistas . . .

b) Mas já antes dele, **Hegel** a quem detestava (como era natural), tinha mostrado na dialética do Senhor e do escravo, que não é no polo dominante e opressor que irrompe a liberdade, e o espírito floresce; mas sim no polo dominado, onde o homem pelo trabalho se constrói, se liberta e humaniza; enquanto o opressor se esvazia de sua própria humanidade. A dominação do homem pelo homem retira ao opressor a mediação criadora da natureza, que o mundo do trabalho proporciona.

c) Depois de Hegel, o **pensamento revolucionário** (dos socialistas franceses e sobretudo de **Marx**) viu a pulsação e a verdade da História irromper do lado dos oprimidos — do proletariado —. O argumento de Marx é claro: "despojado de tudo, o proletariado — cuja condição humana é negada por uma opressão multiforme, luta por afirmar e restabelecer a humanidade. Sua própria humanidade, e a humanidade de todos — inclusive a do opressor, — desfigurada por uma relação absurda que ao tratar seres humanos como se fossem coisas, brutaliza os próprios agentes de opressão".

Não vamos nos deter na análise do pensamento de Marx — tão conhecido e cultuado pelos jovens filósofos que promovem este Encontro — nem vamos discorrer sobre a realidade política nos regimes que se reclamam do marxismo. É fácil criticar, despejar denúncias e maldições sobre os países socialistas. Toda a imprensa capitalista e seus ideólogos o fazem com êxito. Mas, fica a suspeita: será que tanta indignação é apenas causada pelas distorções desses regimes? (Curioso que as ditaduras de direita, pró-americanas, os massacres de Sabra e Chatila e outros de Israel, mal comovem tais censores). O que os escandaliza, na verdade, é a suprema petulância de um estado que se proclama "Estado de operários e camponeses" e o exalta como fonte de sua legitimidade o trabalho da classe operária. Tal subversão da ordem social, essa inversão onde "o que se rebaixa é exaltado", onde "os últimos são os primeiros", horroriza os bons espíritos burgueses a serviço das elites privilegiadas; assim co-

mo, outrora, o cristianismo scandalizou os pagãos aristocráticos da antiguidade.

d) Mais perto de nós, um historiador filósofo, **Toynbee**, pensou que as grandes mudanças da história vieram do "proletariado interno" oprimido nas estruturas sócio-político-econômicas dos impérios gigantes. Sua esperança de libertação se plasmou em religiões universais, e essa esperança foi a alma de sua libertação efetiva e revolucionária. Eis uma visão da história que não encontra seu dinamismo nem sua criação de valores, nas elites dominantes, e sim nos abalos sísmicos que têm seu epicentro no povo; e que revelam movimento de profundidade nas camadas sobre as quais se ergue toda a imponente estrutura das culturas e civilizações.

e) Um grupo importante de historiadores contemporâneos trabalha nessa visão da história — onde o grande protagonista não é o Faraó com suas pirâmides, Alexandre à frente de suas falanges, Napoleão em seu cavalo branco, — mas sim as grandes massas humanas que eles oprimiam.

II — O POVO LATINO AMERICANO EM MOVIMENTO

Chegamos finalmente à nossa época e à nossa pátria latino-americana. Aqui e agora somos testemunhas e partícipes de acontecimento de primeira grandeza que assinala a organização e a valorização dos movimentos populares. Eis esse imenso e diverso continente, entretecido de tantos "povos, tribos e línguas", como diz o livro do Apocalipse. Sua população ameríndia, enriquecida com a mestiçagem dos negros africanos e dos povos ibéricos; não somente tem contribuído com produtos básicos para nossa civilização ocidental, mas dispõe de uma cultura riquíssima, que tem mil facetas e manifestações admiráveis. Nela resplandecem valores humanos de bondade, solidariedade, dignidade, que nada ficam a dever a outros povos e culturas. É também o continente cristão por excelência, onde desde Guadalupe a presença do Evangelho se incorporou definitivamente à sua vida. Mas é também o **continente oprimido**. Primeiro, pelo colonizador ibérico, mais preocupado em pilhar suas riquezas e escravizar seus povos, do que em transumar para construir nações (como fez o Anglo-saxão na A. do Norte ou na Austrália).

Depois, foi a opressão do imperialismo britânico, igualmente predatório das riquezas de nossos países, e desprezador da soberania e mesmo do direito a existir de seus povos. Enfim — e ainda hoje — esmagado pelo implacável imperialismo americano, que pouco satisfeito com opressão econômica a que nos relega, ainda inventou o envenenamento ideológico de nossos militares, elites e classes médias, para atrelar a América Latina à sua política belicosa de super-potência sedenta de dominação mundial.

As classes dirigentes e dominantes na América Latina, desde o início, instalaram um colonialismo interno a serviço da política imperial a quem servem; e de que se servem, como garantia de seu superprivilegiamento e dominação de classe. Em 64, uma frota americana foi destacada para rumar em direção do Nordeste, caso o exército não tivesse êxito no

seu golpe reacionário contra o povo brasileiro. E o governo de Minas se aprestava a pedir aos EE.UU o reconhecimento de estado de beligerância, para nos transformarem em outro Vietnam, caso o povo reagisse à contra-revolução de 64. Aqui, o círculo vicioso da dominação se fecha por todos os lados: as classes dominantes se dedicam a manter o imperialismo que as sustenta em última instância; e tanto as classes dominantes quanto o imperialismo armam e incentivam os exércitos nacionais para garantir a segurança da dupla dominação interna e externa, voltando as armas contra o seu próprio povo; apoiando déspotas facínoras, esfacelando a soberania nacional, tratando como inimigos de guerra, exilando, torturando e assassinando os que defendem o país e sua gente. Que bandeira juraram defender, que pátria estão servindo os esbirros alucinados de Pinochet?

Pois foi justamente aqui e agora, neste continente e neste 'Kairós' que irromperam movimentos populares diversificados e numerosos. Foi aqui e agora, que os indigenatos tomaram a palavra e as bandeiras de sua libertação; que os camponeses organizaram suas ligas, sindicatos, comunidades de base, e marcharam em busca de seus direitos; que os marginalizados urbanos criaram associações de bairros e mil formas de luta por sua participação plena na cidadania. Foi aqui e agora, que a teologia da libertação e seu contraponto – a filosofia de libertação – se constituíram rompendo a tradição multisecular de sermos cópias desajeitadas dos europeus bem-pensantes e bem-falantes.

Ao contrário, são agora os europeus e seus discípulos afro-asiáticos que se admiram da petulância desse continente menosprezado que se atreve a pensar por si mesmo; a inovar, abrindo novos caminhos e perspectivas em sua praxis. E, sobretudo, que insiste em remar na contra corrente, em mover-se na contra-mão do pensamento dos países desenvolvidos, das práticas convencionais dessa minoria farta que se julga centro do mundo e portadora da tocha olímpica da história e da verdade, da fé e do saber, da ciência e da técnica, da civilização e das luzes, das boas maneiras e do bom método, do humanismo e do progresso. O resto, é resto...

Como então suportar que esses grupos de índios e caboclos, camponeses analfabetos ou miseráveis, favelados e marginalizados, procurem encontrar nova forma de ser Nação, de ser Igreja, de ser Homem? Como admitir que pensadores tematizem essas práticas das comunidades de base, dos movimentos populares, das lutas e sofrimentos desse povo, buscando ali sua inspiração, encontrando ali as fontes de seu pensamento, as orientações para suas pesquisas, para suas práticas teóricas, e mesmo seus valores; – em lugar de haurir nas fontes teóricas e doutrinárias da cansada Europa?

Este problema não se coloca para nós, mas para os Europeus e para seus satélites: as brilhantes cabeças colonizadas por eles formadas, e programadas para só ouvir e seguir a voz de seu Senhor e Mestre. Para nós, o que nos cabe é viver, mergulhar de ponta nessa realidade volumosa e complexa, como a rede fluvial amazônica, que são os movimentos populares. E depois, -pelo retorno que é a filosofia, voltar da multiplicidade

(polícroma, polifônica e polimórfica) do real, interiorizar e rememorar no CONCEITO a riqueza inteligível deste mundo que é o nosso. Encontrar um pensamento e um método que corresponda às articulações e ao movimento interno dessa lava candente; que sinta seu ritmo, capte sua direção, e que torne translúcida, entre as contradições e negações que carrega, sua idéia geradora e germinal.

Para isso, é mister uma "metanoia", um êxodo: saber sair de si mesmo, de suas certezas já prontas e talvez aprendidas com os bons autores, e sair, não rumo à estação Finlândia, mas possivelmente Bacabal, Crateús, Propriá, Orobó, Brasília Teimosa. Mas é preciso também saber voltar a si mesmo, carregado com a riqueza deste mundo de vivências insuspeitadas, para, no trabalho e na paciência do conceito reconstituir o singular, esse universal concreto que condensa em sua unicidade ímpar a riqueza esplêndida do inteligível.

III – PROLEGÔMENOS A UMA FILOSOFIA FUTURA . . .

Vamos fazer um pequeno exercício filosófico, explorar alguns filões que um filósofo poderia aprofundar a propósito de nosso tema.

a) Primeiro: por que justo na América Latina, onde a opressão interna e externa é enorme, vemos repontar esses movimentos populares, e surge um pensamento inspirado por eles, e logo incorporado à sua praxis?

Assim o exige a própria dialética dos processos históricos, e das vivências humanas. É a partir do extremo mais radical da negação, e na medida mesma e sua radicalidade e excesso, que surge a afirmação também mais radical e o movimento mais pujante e vigoroso. Como uma mola, que salta com mais energia quando parte da posição de maior recalque. A negação radical dos direitos humanos elementares, desperta a consciência desses direitos, aumenta a ânsia por sua realização e faz brotar forças insuspeitadas na luta por sua conquista. Não é só o capitalismo que suscita seus próprios coveiros. Pertencem à índole de toda a opressão, os desvarios e os excessos de sua prepotência, que provocam necessariamente a reação dos oprimidos e o processo de sua libertação. É a inversão dialética, a negação da negação – o acesso a mais altos patamares de realidade, trazendo como pilhagem a carga de todas as experiências anteriores.

b) Ao debruçar-se sobre os movimentos populares, o filósofo tem uma oportunidade única de contemplar o surgimento **do sujeito**; de ver o povo que era tratado e se portava como objeto dos Senhores dos governos, – da história enfim, – irromper como sujeito, assumir o destino em suas mãos. O súbdito torna-se cidadão e soberano; o povo faz história e cria um mundo. Aqui o filósofo tem o mesmo deslumbramento do astrônomo que assiste o surgimento de uma supernova: um astro apagado irrompendo em explosão gigantesca e brilhando como bilhões de sóis, como uma galáxia inteira. Só que o astrônomo contempla, analisa, corrige eventualmente suas teorias; mas não pode como o filósofo mergulhar nessa

explosão e navegar em suas ondas de energia.

c) Tem mais, porém.

O **sujeito** que surge, nesses movimentos populares, não é o indivíduo ou átomo social do liberalismo. O sujeito é coletivo; é a comunidade, a comunhão de consciências, o **NÓS**. É do interesse do bloco opressor pulverizar os oprimidos; desfazer, pela força de seus mecanismos de repressão, os laços de solidariedade e de organização do povo dominado. Porém, aqui na América Latina, a força de opressão passou da conta: foi tão grande que em lugar de pulverizar, apenas, os oprimidos, terminou por fazer deles um bloco compacto: soldou-os, uns aos outros, pelo próprio exagero da repressão. E o povo redescobre e festeja novos laços de solidariedade, de fraternidade; e partilha em comum seus sentimentos, pensamentos, os frutos de seu trabalho e suas esperanças. Inventa formas de organização, de relacionamento e de prática política, pois a criatividade do povo é ilimitada, e transborda de longe as expectativas e as categorias dos letrados.

d) Esse sujeito coletivo revela à reflexão do filósofo uma das características mais marcantes do ser humano: o homem é comunicação, é comunhão. Aí encontra seu elemento e seu alimento. Aí sua essência desabrocha e floresce; sua existência supera a miséria da solidão e ganha vigor e autenticidade. E a comunhão é uma festa, pois é a celebração do encontro e da partilha, do reconhecimento e da reconciliação, da reciprocidade de amor e de consciências, do clima da liberdade.

e) Nos movimentos populares, o filósofo pode surpreender ainda outra característica do ser humano: aquela que se identifica com sua própria essência: a **liberdade**. Não se trata da liberdade imediata, como um dado, nem da liberdade desvairada em libertinagem ou dissolução, como a que conhecem os opressores. Mas se trata da liberdade que é uma criação e uma conquista; que irrompe rebentando as cadeias da opressão. Liberdade autêntica é sempre libertação, pois é negação da negação, superação e volta por cima de uma situação opressora, inversão dialética e processo que caminha e se enriquece entre mil vicissitudes e conflitos. Todo movimento popular é sempre um momento desse processo, uma batalha nessa luta onde o novo homem e a nova sociedade se constroem. Essa grande utopia que é nossa esperança, de um mundo verdadeiramente humano sem senhores nem escravos, sem guerras nem ódio, onde o ser humano social possa finalmente expandir-se em liberdade, em reconhecimento e em comunhão.

f) Enfim, o filósofo que ausculta os movimentos populares, neles detecta uma epifania do **ser**. Trava-se de fato uma "**gigantomáchia per tões ousas**" uma luta de gigantes em torno do ser, nessas sociedades históricas, fundadas sobre a divisão de classes, o esmagamento dos escravos, servos da gleba e proletários – alienados de sua essência porque espoliados no próprio processo de seu trabalho – que é onde o homem se constrói, construindo o seu mundo – onde cria a si mesmo, criando objetos,

onde estabelece relações com seus semelhantes, pois o trabalho é social e partilhado.

Assim as classes oprimidas são "proibidas de ser" na linguagem de Paulo Freire. As estruturas sociais são máquinas de "dessenciameto", mecanismos de extrair a alma, a alegria e a dignidade de viver, o sentido da vida, das classes oprimidas — e não apenas seu suor, sangue e lágrimas.

Que contraste com as sociedades neolíticas — como as de nossos Índios brasileiros — onde cada indivíduo, cada grupo, unido por laços de solidariedade com todos, encontrava na sociedade global, apoio e incentivo para sua plena realização, segundo os valores de sua cultura. Porém uma sociedade cuja energia é gasta em grande parte para reprimir e esmagar a maioria de seus membros, é uma sociedade doente; do ponto de vista puramente funcional, parece esses robots japoneses enlouquecidos que matavam seus operadores.

O ser social numa sociedade como essa se esvai, — sua característica especificamente humana cede lugar a uma brutalidade monstruosa; a cultura regride em direção da natureza, nos seus aspectos de calamidade e catástrofes (inundações, terremotos, tufões, epidemias).

Não seria possível reverter esta tendência, fazer uma sociedade sem opressão, em que "o homem fosse um deus para o homem", como dizia Marx?

Claro que é possível, porque é necessário. Porque o sentido da história vai na direção da libertação; porque o homem não pode ser um "esforço inútil" como queria Sartre, nem o absurdo pode ser a última palavra a nosso respeito, — ou seja, a violência não pode ser nosso destino, mas sim a Razão e a Liberdade.